

SEVASTÓPOL EM DEZEMBRO DE 1854

A aurora mal começou a tingir o céu por cima do Monte Sapun; a superfície azul-escura do mar já se despiu das trevas noturnas e espera que o primeiro raio lhe acenda a alegre reverberação; o frio e o nevoeiro sopram da angra; não há neve, tudo é negro, mas o frio da manhã, um gelo de rachar, queima a cara e estala sob os pés; o longínquo e incessante rumor do mar, rasgado de vez em vez pelos tiros ribombando em Sevastópolis, é o único som a violar o silêncio do amanhecer. Nos navios, os sinos tocaram o fim da alva¹.

Na Costa Norte², a atividade diurna começa a substituir aos poucos a calma da noite: um render de sentinelas algures, espingardas tinindo; noutro lado já um médico vai, pressuroso, a caminho do hospital militar; noutro, um soldadinho que saiu do seu abrigo de terra lava a cara bronzeada com água gélida e, virado para o nascente rubro, benze-se rapidamente e reza a Deus; algures, uma *madjara*³ alta e pesada, puxada por camelos, arrasta-se a ranger até ao cemitério para enterrar os mortos ensanguentados que se entulham quase até ao alto das chedas... Aproximamo-nos do embarcadouro, atinge-nos o cheiro peculiar a hulha, estrume, humidade e carne de vaca; milhares de objetos díspares — lenha, carne, *tures*⁴, farinha, ferro e assim por diante — amontoam-se ao lado do cais; soldados de vários regimentos, com sacos e espingardas, sem sacos e sem espingardas, apinham-se aqui, fumam, praguejam, levam cargas pesadas para o vapor que fumega junto ao atracadouro; botes particulares, cheios de gente de todo o género — soldados, marujos, comerciantes, mulheres — atracam e desatracam.

— Para o cais Gráfskaia? Faça o favor, vossa senhoria — oferecem-nos o seu serviço dois ou três marinheiros reservistas, pondo-se em pé nos botes.

Escolhemos o mais próximo, passamos, por cima da carcaça meio decomposta de um cavalo baio, atascada na lama perto do barco, sentamo-nos ao leme. Soltam-se as amarras. À nossa volta, o mar já reluzente sob o sol matinal; à nossa frente, o velho marujo de casaco de lã de camelo e o rapaz loiro, ambos a trabalharem aplicadamente com os remos. Olhamos para os gigantes listrados dos navios, espalhados ao longe e ao perto pela enseada, e para os pequenos pontos negros das chalupas que deslizam pela brilhante superfície azul, e para os belos edifícios de cores claras da cidade, na outra costa, tingidos de rosado pelos raios do nascente, e para a linha branca e espumosa da barreira flutuante⁵ e dos navios afundados, alguns deles espetando tristemente as pontas pretas dos seus mastros, e para a longínqua frota inimiga que se entrevê no horizonte cristalino do mar, e para a espuma, os jorros levantados pelos remos, em que saltitam bolhas salgadas; ouvimos os golpes cadenciados dos remos, os sons de vozes que nos chegam pela água e os sons majestosos do tiroteio que, ao que nos parece, está a intensificar-se em Sevastópol.

É impossível que a consciência de estarmos em Sevastópol não nos impregne de um sentimento de coragem, de orgulho, que o sangue não nos comece a correr velozmente nas veias.

— Oiça, vossa senhoria, está a ir a direito contra o *Kistentin*⁶ — diz o velho marinheiro, virando-se para verificar o curso que damos ao bote — , leme a bombordo!

— Tem ainda os canhões todos — observa o rapaz loiro, olhando para o navio que estamos a ladear.

— Pois tem: é novo, o Kornílov viveu nele⁷ — responde o velho, lançando também os olhos para o navio.

— Irra, onde foi explodir! — diz o rapaz depois de um longo silêncio, olhando para uma nuvem branquinha de fumo que se alarga, depois de ter surgido subitamente por cima da Enseada Sul, acompanhada pelo som brusco de explosões.

— Hoje, *ele*⁸ faz fogo da bateria nova — acrescenta o velho, cuspidando na mão com indiferença. — Força, Michka, vamos ultrapassar a barcaça. — E o nosso bote acelera pela larga enseada encrespada

e, realmente, ultrapassa uma barcaça pesada com sacos amontoados e soldados que remam sem jeito, descompassadamente, e aborda ao cais Gráfskaia, no meio de numerosos barcos de todo o gênero aqui atracados.

Na marginal formiga, ruidosa, uma multidão de soldados cinzentos, marinheiros de preto e mulheres multicores. As mulheres vendem pães, mujiques russos com samovares gritam: *sbíten*⁹ quente! — e logo ao lado, nos primeiros degraus da escadaria, estão espalhadas balas de canhão enferrujadas, bombas, metralha, e há canhões de ferro de vários calibres; um pouco mais adiante abre-se uma grande praça cheia de umas barras enormes, reparos de canhões, soldados adormecidos; cavalos, carros, peças verdes de artilharia e caixas, os sarilhos para espingardas da infantaria estão imóveis; soldados, marinheiros, oficiais, mulheres, crianças, comerciantes movimentam-se; rodam carroças com feno, sacos e barris; de vez em quando um cossaco e um oficial a cavalo, ou um general na charrete, atravessam a praça. À direita, uma rua está vedada por uma barricada com pequenos canhões por trás das canhoneiras, e um marujo sentado ao pé das peças fuma o cachimbo. À esquerda, um edifício bonito com números romanos no frontão; ao lado dele há soldados e macas ensanguentadas — por toda a parte vemos as penosas marcas de um acampamento militar. A nossa primeira impressão é sempre muito angustiante: a estranha mistura da vida de acampamento e da vida urbana, da bela cidade e do bivaque imundo não é apenas feia, é uma abominável desordem; pode até parecer, por um instante, que toda a gente está assustada, numa azáfama de quem não sabe o que fazer. Mas, espreitando melhor as caras das pessoas que se mexem à volta, percebe-se coisa bem diferente. Olhe, digamos, para este soldadinho do destacamento de provisões, levando uma troika de baios para lhes dar de beber e cantarolando para os seus botões com tanta calma que não temos dúvida: o rapaz não se vai perder no meio desta multidão heterogênea, que nem sequer lhe interessa, cumpre somente as suas obrigações, sejam quais forem — dar água aos cavalos ou deslocar os canhões —, do mesmo modo imperturbável, seguro e indiferente com que o faria algures em Tula ou Saransk. Igual expressão se manifesta no rosto do oficial que vos passa ao lado com luvas impecavelmente brancas, na cara do marinheiro que fuma sentado na bar-

ricada, nas fisionomias dos soldados carregadores que esperam com macas à entrada da antiga Assembleia dos Nobres, no rosto de uma menina que, cuidando em não encharcar o seu vestido cor-de-rosa, atravessa a rua a saltitar de uma pedra para outra.

Pois é! Quem vai a Sevastópol pela primeira vez terá sem dúvida uma desilusão. Por mais que procure, debalde verá, numa cara que seja, sinais de azáfama e desconcerto, ou então de entusiasmo, de prontidão para morrer e de firmeza. Nada disso: verá as pessoas no seu dia a dia, calmamente ocupadas no trabalho rotineiro; e então talvez se recrimine pelo ardor excessivo e quiçá duvide um pouco do heroísmo dos defensores de Sevastópol, da veracidade da noção que inculcou a si próprio a partir dos relatos, descrições, vistas e sons que chegam da Costa Norte. Pois bem, mas antes de duvidar, vá aos bastiões, veja os defensores de Sevastópol nas linhas defensivas ou, ainda melhor, entre ali, naquele edifício em frente, a antiga Assembleia dos Nobres, com soldados e macas à entrada. Ali verá os defensores de Sevastópol, verá coisas terríveis e tristes, grandiosas e cómicas, mas sempre admiráveis, sublimando a alma.

Entre na grande sala de reuniões. Vai chocá-lo bruscamente, mal abra a porta, o aspeto e o cheiro de quarenta ou cinquenta homens gravemente feridos ou amputados, alguns nos catres, a maioria no chão. Resista ao sentimento que o faz parar à entrada — é um sentimento mau; entre sem essa falsa vergonha de, supostamente, ter vindo pela *curiosidade de ver* os sofredores, sem vergonha de se aproximar para conversar com eles: os desgraçados gostam de ver um compadecido rosto humano, gostam de contar os seus sofrimentos e ouvir palavras de amor e compaixão. Passe por entre as camas e procure uma cara menos severa e sofredora, um homem de quem se atreva a aproximar e com quem possa entabular uma conversa.

— Onde foste ferido? — pergunta indecisa e timidamente a um soldado velho e emagrecido que, sentado no catre, o segue com olhos bondosos, como que a convidá-lo para ir ter com ele. Digo «pergunta timidamente» porque os sofrimentos, além da profunda piedade, inspiram por qualquer razão o medo de ofender e grande respeito pelo sofredor.

— Na perna — responde o soldado; mas no mesmo momento repara, pelas dobras do cobertor, que o homem não tem uma perna, foi-

-lhe amputada acima do joelho. — Agora estou bem, graças a Deus — acrescenta. — Quero que me deem alta.

— Há muito que foste ferido?

— Já lá vai a sexta semana, vossa senhoria!

— Ainda tens dores?

— Não, já não me dói; só parece que tenho uma moedura na barriga da perna quando o tempo piora, de resto estou bem.

— Mas como é que foste ferido?

— No quinto *bacsião*, vossa senhoria, quando foi o primeiro *bombardamento**: fiz pontaria com o canhão, comecei a afastar-me até outra canhoneira, e *ele zás!* — bateu-me na perna, foi como se desse um passo em falso num buraco. Olhei... não tinha uma perna.

— Será que não sentiste dor naquele primeiro minuto?

— Não doeu muito; foi como se me empurrassem a perna com uma coisa quente.

— Mas depois?

— Depois, também não foi grave; só quando os doutores me puxavam a pele era como se me ardesse. O principal, vossa senhoria, é *não pensar*: se não pensarmos, aguentamos. É o pensamento que faz piorar as coisas.

Aparece então uma mulher de vestido cinzento às riscas e lenço preto na cabeça; intromete-se na conversa com o marinheiro e começa a falar dele, dos seus sofrimentos, da situação desesperada em que se encontrou durante quatro semanas; e de como ele, ferido, pediu aos maqueiros que parassem para ver uma descarga da nossa bateria; de como os grão-príncipes falaram com ele e lhe ofereceram vinte e cinco rublos, e de como ele lhes disse que queria voltar ao bastião para ensinar os jovens, já que era incapaz de trabalhar. A mulher falava de tudo isto sem parar, ora olhando para nós, ora para o marinheiro que, virando-lhe a cara como se não quisesse ouvi-la, tirava fiapos de linho¹⁰ de cima da sua almofada. Um brilho muito especial ilumina os olhos da mulher.

— É a minha patroa, vossa senhoria! — observa o marinheiro, como que a justificar-se: «Não leve a mal. Já se sabe como são as mulheres, é só palavreado estúpido.»

* Deturpações das palavras «bastião» e «bombardeamento» na fala do soldado.